



(Re)organiza**NÍSE**

2ª EDIÇÃO • RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 2015 • 2 MIL EXEMPLARES • reorganise@riseup.net

R\$ 1,00

Entrevista:
A enfermeira Glória
conta suas vivências
Pág. 8

Coluna “Quando eu morrer
quero virar estrela”
Por Luciene Adão
Pág.5



SE MORAR
É UM DIREITO
Ocupar é DEVER

O que são
ocupações e a
importância delas
Pág. 3 e 4

Conheça os coletivos
artísticos que ocupam
o Hotel da Loucura
Págs. 6 e 7

EDITORIAL

Apreciar os riscos
e suposições
Manifestar brandura
e mansidão
Assegurar acessibilidade
E preservar coragem

Transição

Se enunciar repleta, intacta.
Apta a habitar todo lugar
Se aflorar bela

Assim que for embora
Perpetuar a história
Desvalidar o improvável
Desdenhar do inconcebível

Ocupar o ar das horas
plenas, serenas.
Inéditas, autênticas
Revidar bela

Desperta em nós
Nova aurora ao coração
Ensina a perder o medo
Alcança a voz,
acorda de prontidão.
Anuncia

Milagres acontecem
quando a gente vai à luta
Milagres acontecem
quando a gente vai
Milagres acontecem
quando a gente vai à luta

Transição, de "O Teatro Mágico"

No dicionário da língua Portuguesa ocupar é definido como: encher um espaço de lugar e de tempo. Habitar. Tomar posse de.

Pra nós, empoderar é agir de forma coletiva e consciente quanto às questões sociais. É reagir.

Quando as pessoas oprimidas transbordam após os sufocantes silenciamentos, quando elas tomam de volta o poder que lhes foi tirado, quando elas passam a não tolerar todas as injustiças a qual são acometidas, isso significa que essas pessoas se empoderaram.

Quando camponeses, trabalhadores rurais, famílias pobres e indivíduos excluídos que não tem acesso à direitos básicos, como o de moradia, encontram espaços ociosos, abandonados, que não cumprem seus papéis sociais, é lógica a consequência: essas pessoas vão se organizar e tomar posse de seus direitos.

Para ilustrar esse editorial escolhemos uma foto que tem como paisagem o Reino da Dinamarca. Uma das provas de que horizontalidade não é uma utopia.

"Christiania começou a escrever sua história em 1971. Foi a partir das ideias de um jornal alternativo, o Head Magazine, que um grupo de pessoas, de idades e classes sociais variadas, decidiu ocupar os barracos de uma área militar desativada na periferia de Copenhagen.

Era o início de uma luta incansável contra o Estado. [...] "Cristiania não tem prefeito, não tem eleição e funciona



foto: reprodução internet

Entrada de Cristiania. Sem eleição, sem prefeito e sem governo

sem governo, sem imposição de leis que controlem a organização social. A lenda da cidade-livre da Dinamarca é real: inspirada no Anarquismo, Christiania resiste há mais de 40 anos, inventando um jeito novo de conviver com os problemas da vida comunitária."

Se você não consegue acreditar, é

possível encontrar informações dessa comunidade na internet ou ainda, em (infelizmente raras) bibliotecas públicas.

A resistência é inevitável, iminente, poderosa.

Disse Waly Salomão: "E chega desse papo furado de que o sonho acabou! A vida é sonho."

PROGRAMAÇÃO

Hotel e Spa da Loucura

Oficina de Ação Expressiva
3^{as} e 5^{as} feira | 14h às 17h

Roda Dialógica do Som
5^{as} feira | 10h

Cine Sol
2^{as} feira | 14h

Endereço: Instituto Municipal Nise da Silveira
Rua Ramiro Magalhães 521, Engenho de Dentro

Ponto de Cultura Loucura Suburbana

Aulas de percussão, salto,
caixa de guerra, tamborim e repique
3^{as} e 5^{as} feira | 14h às 15h30

**Centro de Convivência e
Cultura Trilhos do Engenho**
Batuque na Vila
23 a 27 de fevereiro
2^{as} a 6^{as} feira | 14h às 16h

Fortaleça as iniciativas
autônomas e
combatentes!

Visite a página no
facebook: Use Depois
de Ler Cooperativa
ou usedepoisdeler@
riseup.net



Em Outubro de 2014 o Coletivo AIA decidiu propor a criação de um jornal impresso que tratasse da

pauta antimanicomial. No caminhar da luta, conhecemos o Hospital Psiquiátrico Pedro II, rebatizado de Instituto Municipal Nise da Silveira.

Além do complexo que se encontra no bairro Engenho de Dentro, subúrbio carioca, encontramos também diversos coletivos e indivíduos dispostos a embarcar nessa construção.

Nossa intenção é criar um canal de comunicação que fique a disposição dos clientes em tratamento dentro do complexo, a partir daqueles que convivem dentro da ocupação Hotel e Spa da Loucura.

Em pouco tempo de pesquisa, nos deparamos com artistas incríveis e atores geniais, incluindo Luciene

Adão: a escritora que viria a se tornar o pilar do impresso.

O processo não poderia ter mais a ver com a metodologia de Nise da Silveira: a emoção de lidar. Os clientes estiveram presentes durante quase toda a montagem e nos deram um banho de coletivismo.

A REDAÇÃO

Tavarez Periferia



Ocupar e resistir

“Ainda que fossem dimensões separáveis da vida humana, tanto a política quanto a arte se produzem como uma disputa de sentidos para o mundo, ou melhor, como atividades de invenção do mundo. E por mundo, compreendo o lugar onde habitamos. Lugar que não só nos abriga, mas que também é constituído por nossos corpos e nossas ideias, lugar onde necessariamente convivemos.

Sinta seus pés no chão. Olhe ao redor. O mundo está

bem aí. Todo lugar é matéria e expressão do mundo.”

Enrico Rocha

A cidade como a conhecemos está nos levando ao colapso. E não somente a um colapso emocional, que gera sofrimento psíquico, decorrente da padronização dos modos de vida; também a falta de água que enfrentamos atualmente é resultado de um modelo de civilização que se propõe a um crescimento infinito, e a urbanização é a sua tática de habitação planetária.

Criam-se demandas de exploração e destruição de ambientes não urbanos a fim de suprir as “necessidades” de ferro e concreto das suas infindáveis obras de construção (e demolição) civil. Além disso, avança com suas ruas asfaltadas, que destroem os lençóis freáticos, e contamina os cursos de água das mais diversas formas. Assim, as cidades devem ser repensadas e reorganizadas tendo em vista a estrutura de que já dispõem, pois sua expansão sobre a superfície terrestre requer sacri-

fícios de recursos naturais, dos quais não podemos mais abrir mão.

A realidade brasileira ainda precisa ser profundamente modificada nesse aspecto, pois milhares de lotes são mantidos vazios para que haja a elevação artificial do preço dos imóveis nas grandes metrópoles.

“A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” Bachelard

A disputa pelo espaço é também a disputa de sentido para o mundo. O que fazemos com o espaço que temos? Quando edificações urbanas ficam ociosas, enquanto o déficit habitacional ultrapassa 331 mil famílias sem-teto, o que está nos impedindo de construir uma cidade onde possamos habitar?

Os ocupantes da Favela da

Oi/Telerj ousaram agir para diminuir essa injustiça, e sonharam com madeirite e garra: arranjos de paredes improvisadas, medindo por volta de 16m² cada, foram constituindo o interior de moradias para suas famílias e seus sonhos, tão desacreditados pela ferocidade da especulação imobiliária. Muitos ali haviam sido removidos de outras favelas, desmontadas por causa de projetos de gentrificação, como o Porto Maravilha. Outros ocupantes não conseguiram arcar com o aumento dos preços dos aluguéis na capital fluminense, decorrente do avanço desses mesmos projetos e intensificado em tempos de Copa e Olimpíadas. Nos últimos seis anos, o valor dos aluguéis no Rio de Janeiro subiu 143%, o maior acúmulo registrado entre as capitais.

No Brasil tivemos outros casos de ocupações autônomas por moradia que se tornaram espaços de formação através da educação libertária e foram massacradas. Como a ocupação “Flor do Asfalto”, “Casarão Azul”, “Guerreiros do 510”, “Guerreiros do 234”, “Aldeia Maracanã” e “Quilombo das Guerreiras” que já não existem mais.

Por outro lado ainda existem algumas ocupações que ainda resistem apesar das inúmeras tentativas de despejo, como “Carlos Marighela” em São Paulo, “Antonio Gramsci” no Rio de Janeiro e o “Ocupa Estelita” em Pernambuco, Recife.

As ocupações artísticas possibilitam imaginar novas formas e fontes vigentes de produção de todo tipo de arte autônoma. Enquanto a corja dos garotos propagandas enlambirinta-se para sobreviver na sociedade dos espetáculos medíocres, artistas/ativistas rompem automaticamente com a lógica capitalista. Em um país que a cultura é um privilégio de poucos, ocupar é mais que necessário.

A arte é caminho direto para uma educação não robotizada, quebra de amarras e preconceitos e libertação imediata de elos invisíveis criados desde os primeiros meses de vida. ►

foto: reprodução internet



Occupação Oi/Telerj, em terreno localizado no bairro Engenho Novo

O teatro do oprimido, com as apresentações do teatro-fórum, por exemplo, provoca discussões que levam a transformação da realidade do oprimido e o empoderamento de quem a vive.

Por conta da negação do Estado em valorizar o potencial criativo e revolucionário das pessoas, as ocupações artísticas assumem o papel de regar as flores do deserto e cultivar o solo para que todos possamos colher os frutos de uma cultura popular e libertária.

Parece utópico, mas existem exemplos reais, tais como as ainda resistentes “Hotel da Loucura” (Engenho de Dentro-RJ), “Mulheres da Pedra” (Pedra de Guaratiba-RJ), “Espaço Outrxs” (Vila Isabel-RJ), “Casa Mafalda” (SP) e “Casa da Lagartixa Preta” (Santo André-SP).

Sendo as ocupações ressignificações de territórios que desde os primórdios de sua existência só servem à lógica excludente capitalista, é importante que se registre esse caráter subversivo (que é o berço daquilo que chamamos de ocupação), é fundamental a consciência de que essas ocupações fazem parte de um ideal que outras tantas pessoas libertárias almejavam no passado. Portanto, é visível que precisamos entender a

responsabilidade desse cultivo de maneira autogestionária e autônoma. Rejeitar o capital é bom, porém é preciso ir além da rejeição e passar para a fase de criação.

Assim como as ocupações urbanas feitas em prédios abandonados, as favelas também são formas de busca pelo direito à moradia. São onde famílias que não tem condições

Sendo as ocupações ressignificações de territórios que desde os primórdios de sua existência só servem à lógica excludente capitalista, é importante que se registre esse caráter subversivo

de pagar o valor que a especulação imobiliária do capital impõe são levadas: espaços afastados dos grandes centros comerciais e burgueses.

O contexto vivido dentro das ocupações costuma ser bem parecido com o de dentro da periferia. Assim como nas ocupas, dentro da favela existe a

marginalização dos moradores, a violência policial e o descaso do Estado sobre as necessidades básicas. Nas duas situações, a maioria dos habitantes é negra (como a maior parte da população pobre do país).

Dentro das comunidades periféricas, veem-se claros exemplos de ajuda mútua, autogestão, disseminação cultural e também o fomento da economia solidária que acontece nas ocupações por moradia e artísticas. Tudo isso conquistado através da pressão popular.

Mediante a situação que aqui foi descrita, entende-se a urgência de ações imediatas. Ação direta é tudo aquilo que mexa no status quo (estado atual das coisas).

Quando tomamos consciência de uma injustiça e não fazemos nada, significa que não buscamos solução alguma. E se nós não fazemos parte da solução, então fazemos parte do problema.

Busque se informar através das mídias livres/independentes sobre a realidade das ocupações. Afinal, a mídia corporativa sempre servirá à elite, omitindo e inventando fatos.

Descubra de que forma você pode ajudar para a continuidade desses espaços. Ocupe e resista!

Quanto você se importa?

Em defesa da reserva de Marapendi

Ocupação política que tem como objetivo chamar atenção da sociedade contra a criminosa construção de um campo de Golf olímpico e um condomínio de luxo, chamado Reserva Golf com 22 prédios de 23 andares cada, em uma área equivalente a 100 campos de futebol, para as Olimpíadas Rio 2016.

Esse terreno pertence a Área de proteção Ambiental do Parque Municipal de Marapendi, o mesmo foi devastado e DOADO às construtoras RJZ Cyrela e Fiori, ambas do empresário Pasquale Mauro, famoso grileiro de terras na Barra da Tijuca, gerando um prejuízo de 1 BILHÃO de reais aos cofres públicos.

A cidade do Rio de Janeiro possui 2 campos de golfe que poderiam ser adaptados para as Olimpíadas. Por que o Eduardo

Paes escolheu devastar a Reserva Ambiental?

Só a mobilização popular poderá barrar esse CRIME AMBIENTAL, pois a justiça e os Vereadores da Cidade estão todos de mãos atadas ou fazendo vista grossa diante do projeto.

Por esse motivo estamos ocupando em frente ao único stand de vendas da RJZ Cyrela, 24h por dia, 7 dias por semana.

Não vamos sair até que as obras sejam embargadas, não importa quantas vezes a Guarda Municipal venha levar nossos pertences ou nos agredir.

Como você pode ajudar? Venha ocupar! Faça uma doação. Divulgue!

Av. das Américas, 10.001 - Barra da Tijuca, RJ, próximo a estação BRT Transoeste RioMar

www.ocupagolfe.tk
www.facebook.com/ocupagolfe

foto: reprodução internet



Quando eu morrer quero virar estrela

Por *Luciene Adão*

Eu penso somente na minha liberdade

Eu gosto muito do virto por deus
É uma pessoa muito legal
Ele é inteligente moro
em realengo e agora no
bebrou como medico
que quer tirar o sofrimentos
cliente tira o remedido para eles
não fica dopadoes ele viajo
para mundo para apresenta
o hotel da loucura
em todo mundo Eu gosto da
amizade mais ele é legal vitor por deus
mais e sempre amiga por que
sem mais muito

Eu passo fome
Eu quero comida
Eles pensa que eu sou bobo
Eu não sou

[Mente castelo]

Porque eu não mais família
Porque eu não mais vida
Eu tenho mais meus pais que vida, é, está
Eu não mais ninguém
Eu tenho um trauma de hospital
Eu era muito mau tratada na clinica
Mais eu tenho eu tenho um problema
A minha exclisofreia

Preconceito contra doente mental porque é é
Ruim pensa nos outro

Eduardo Paes é um filho da puta para o preço
3,40 a gente tem o direito
de fazer um nosso protesto
pacivo para a paz
sem violencia desde policia
filha da puta

Os 23 ativistas perseguido politico

Eu estou com raiva do Eduardo
paes por que ele quer ser dono da
verdade do preço 3,40

Meu medo é fica sozinha
Meu entrei para tomar remedios
para dopar e fica confusa
minha vida é uma
merda e mais tudo é
assim com medo do
futuro mais uma vez
eu acretei na morte
mais a morte é um descanço
para vida etena meu amo
acabo

As rosa não falam
Amais escuto nosso
coração
as rosas são a
paixão do amor
nem um vai
querer uma
bonita rasas
para o coração
do amor



Retrato de Nise
da Silveira,
ilustração de
Luciene

Cultura e diversão do lado de cá



NORTE COMUM

Sarau TropiCaos

O Norte Comum é um coletivo que iniciou suas atividades em 2011, entre amigos, com a proposta de gerar reflexão sobre a cidade através da ocupação dos espaços públicos com arte e cultura e sobre a questão do aparelhamento cultural da Zona Norte do Rio.

Inicialmente foi criado um grupo no Facebook para debater algumas questões e na primeira semana, esse grupo já contava com mais de 700 pessoas in-

teressadas em discutir sobre a Zona Norte, arte, cultura e alguns outros assuntos. Logo após, as conversas passaram a ser feitas na rua, em praças e na UERJ.

Com o tempo, uma das questões levantadas era o porquê de moradores da Zona Norte terem que se deslocar para o Centro/Lapa/Zona Sul para se divertirem e terem acesso à cultura, se em muitas vezes, os próprios artistas moravam nas redondezas.

Foi então que alguns inte-

grantes do coletivo levaram a proposta ao Sesc Tijuca de fazer a co-gestão do Projeto Gerir-gonça, onde poderiam desenvolver muito do que era pensado e discutido nas reuniões.

Num dos eventos do Gerir-gonça, no final de 2012, o Tá Na Rua foi convidado por nós para uma apresentação, e nesse dia, conhecemos o Vitor, que ao saber do trabalho que desenvolvíamos, prontamente nos convidou a ocupar uma das enfermarias desativadas do Hotel

da Loucura.

Iniciamos o processo de ocupação no início de 2013, sem saber muito o que esperar e o que esperavam de nós como coletivo e como pessoas mesmo.

Para dar início a ocupação, pensamos que era fundamental quebrar o paradigma da loucura entre quem fosse conhecer o hospital e quem utilizava o sistema público de saúde mental. Pensamos então num sarau, algo capaz de unir artes variadas e que contasse com a participação dos

clientes, visitantes e convidados, todos compartilhando de uma experiência única, de igual para igual, sem preconceitos.

Com isso, ajudamos a divulgar o trabalho de cura através da arte que é feito até hoje pelo Vitor, além de convidar outros coletivos a ocuparem o Hotel.

Em março completaremos 2 anos de ocupação com um grande Sarau TropiCaos, também comemorando 5 anos de criação da Universidade Popular de Arte e Ciência.

Identidade negra

TV CAIÇARA/CRUA



foto: CRUA

Oficina de turbantes no evento AFRONTamento

Em Agosto de 2013 a TV Caiçara iniciou sua residência no Hotel e Spa da Loucura realizando a 2ª Mostra de Cinema Independente, uma maratona de performance e cinema de 8 horas no mês de outubro, com mais de 30 artistas/coletivos reunidos com apresentações de videoartes e performances na finalidade de repensar a loucura que existe em todos nós, a loucura do dia a dia, a loucura que transita, se alimenta e manifesta na "normalidade".

Performar a Loucura com

curadoria de Juliette Yu-Ming foi a primeira parceria entre a TV Caiçara, a UPAC e o coletivo CRUA. O Coletivo Criativo de Rua, tem como principal objetivo discutir as questões raciais no Brasil, buscando fortalecer a identidade negra através da cultura e da informação, lutando diariamente contra os homicídios de jovens negros, pelo respeito aos territórios, como as favelas e os quilombos e pelo respeito aos ancestrais e a nossa religião.

Ainda em outubro do mesmo ano o coletivo inau-

gurou a sala de cinema oficial da ocupação, batizada de Cine Sol (exibição de filmes para os clientes do espaço).

Em novembro, em referência ao mês da consciência negra promoveram a mostra AFRONTamento, visando resgatar a ancestralidade afro-brasileira. Lá rolou mesa de debates com os temas "Negro na Atualidade", "Mulher Negra" e campanha "Juventude Marcada para Viver", além de oficina de turbantes e berimbau, exposições fotográficas, mostra de filmes, feijoada colaborativa, teatro e música.

Lôca arte

COLETIVO VÔ PIXÁ PELADA

Há exatamente um ano e três meses, conhecíamos e ocupávamos as dependências do Hotel e Spa da Loucura. O desafio se deu no sentido de novas emoções e experiências humanas, em correspondência com a convivência direta dos internos do Instituto Municipal Nise da Silveira.

A primeira ação do coletivo compreendeu, continuamente, a construção de seu ateliê, hoje utilizado como baia expositiva. As paredes foram revestidas do primeiro trabalho do coletivo desenvolvido e produzido nessa imersão. “Sem título” é um trabalho de impressão digital e serigráfica sobre papel que tem como resultado um lambê para ser colado na rua. O copo do famoso guaraná natural carioca surgiu

como primeiro símbolo urbano que refletia um imediato sintoma da cidade do Rio de Janeiro: o uso da substância conhecida como crack. Com função dupla, caso sua tampa não for totalmente retirada, a forma do copinho sugere a resignificação do mesmo no uso do crack. É daí que ele vira um cachimbo: Ceci n'est pas une pipe!. Os lambes são colados pelo coletivo em alguns pontos da cidade apresentando a urgência desse problema.

Outro projeto inaugurado pelo coletivo foi a criação da LÔCA Galeria, que deseja ser uma produtiva experiência de troca entre as muitas formas da arte eminentemente contemporânea e os que passam pelo Hotel. A exposição coletiva “Alguns Desenhos” inaugurou a galeria, apresentando

artistas da cena contemporânea como Britta, Joana César, Loo Stavale e Rachel Azoubel. Em Junho nossa primeira mostra de vídeoarte “Videofilia” reuniu trabalhos de 11 artistas brasileiros e uma artista espanhola, Yolanda Domínguez.

Como apresentação do resultado das Oficinas de Experimentação Criativa, em Julho foi a vez da mostra “Fábulas Fabulosas”, que reuniu os trabalhos executados durante a oficina de colagem e criação coletiva com os clientes e amigos da ocupação.

“Motirô” foi a primeira tentativa do coletivo de utilização integral do espaço do Hotel em recente expansão e, pela ocasião, iniciamos o incentivo para novos curadores ocuparem também o espaço da galeria com suas ideias.

foto: divulgação



Experimentação

COLETIVO NÉCTAR

O Núcleo de Experimentação Cênica e Transas Artísticas (Néctar) que completa um ano em Outubro de 2014, nasceu da amizade e das afinidades estéticas e políticas de seus integrantes que se conheceram no Hotel e Spa da Loucura, onde por arrebatamento ideológico e afetivo iniciaram suas atividades artísticas. O objetivo do Néctar é contribuir na produção dos eventos do Hotel da Loucura e nas atividades relacionadas à criação, produção e desenvolvimento teatral com todos os nossos atores, sejam eles usuários ou não do sistema de saúde mental, pois acreditamos que todo ser humano é ator!

A proposta de Ocupação do Néctar se concentra em somar para a construção e desenvolvimento do Centro Cultural Hotel da Loucura, tendo o Teatro de Dyonises como pólo de difusão de ideias e discussões sobre o fazer te-



foto: Rafael Ferreira

Oficina Teatro Ritual (Shabess), realizado em novembro

atral: o Ritual ancestral, as práticas culturais cotidianas, a inspiração de Nise da Silveira, precursora na aposta da construção do processo terapêutico por meio da Arte, as demandas do ator contemporâneo, entre outras.

Atualmente, participando da montagem de “Loucura sim, mas tem seu método”, inspirado em Hamlet, temos tido a oportunidade de observar e nos apropriar das discussões acerca das questões levantadas por Shakespeare por meio do príncipe da Dinamarca, cujo monólogo-reflexivo mais citado da História do Teatro Universal, provoca: “... e as empreitadas de vigor e coragem, quando refletidas demais, faz de todos nós covardes...”.

Cantando, dançando, dionisando, falando poesia, recitando Shakespeare os atores, todos, temos demonstrado maior fluidez na expressão corporal, na relação com a palavra e no relacionamento com o outro, pois “Teatro é espaço e

relação”. Trabalhamos e assim continuaremos para alimentar a trajetória de “Loucura sim, mas tem seu método” com leitura, pesquisa, ensaio, discussões sobre o texto e o contexto da obra e do autor.

Intimamente ligado aos princípios da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC), o Coletivo Néctar se coloca à disposição para trabalhar junto aos demais integrantes do Hotel da Loucura, como o foi recentemente no Ocupa Nise 2014.

Entre outras ações realizadas, estão o Grupo de Estudos Gerar; a performance “A moça de flor no peito ou a moça de peito em flor”; produção da Festa de Natal do Hotel da Loucura de 2013; início dos ensaios de “Loucura sim, mas tem seu método”; monitoria da Oficina de Ação Expressiva; co-produção do I Simpósio de Cinema e Psiquiatria Cultural, da Oficina de Teatro Ritual (Shabess) e do Ocupa Nise 2014.

Entrevista

enfermeira Glória

Glória, que trabalha como auxiliar de enfermagem no Instituto Municipal Nise da Silveira, se tornou enfermeira na UniRio. Dona de uma autenticidade hoje rara e de uma voz firme, Glória fez muito mais que ocupar um cargo durante os 28 anos que trabalha nesse espaço. Aos 49 anos de idade, a divertida enfermeira nos conta sobre suas vivências dentro e fora do mundo antimanicomial.

foto: Coletivo AIA



Jornal ReorgaNise: Quais fo-ram suas impressões ao iniciar o seu trabalho? E o que você achou naquele momento que deveria ser transformado?

Glória: Eu entrei aqui estavam começando o lance da reforma psiquiátrica, as novas leis. Eu não queria entrar aqui, ninguém queria trabalhar no hospício, então os salários na época eram “exorbitantes”. Tinha tudo pra ser uma enfermeira normal, mas uma vizinha viu um cartaz dizendo que estava precisando de gente aqui. Eu vim pra cá porque o salário poderia me ajudar com a faculdade, nisso eu me empolguei em ficar aqui, por causa da reforma psiquiátrica.

JR: Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou no seu trabalho?

G: O abandono, o preconceito. Nessa história toda de vir para cá, eu perdi minha família, meus pais morreram, a família toda morreu. E eu me identifiquei com eles, porque eu não tinha voz e não tinha quem me defendesse. Eu

acho que isso me faz ficar aqui até hoje, afinal, alguém precisa defender eles.

Sei lá, a impressão que eu tenho é que eu sou uma deles e ninguém percebeu ainda. Ou já percebeu né, todo mundo aqui já percebeu como eles ficam em cima de mim, né?

O que me chamou atenção aqui, foi o seguinte: E se eu sair daqui, quem vai botar músicas para eles? Quem vai sair com eles (de dentro da enfermaria)?

Por que eu tinha essa coisa de botar música, levar pra passear, eu sempre tive essa coisa, porque eu não gostava de trabalhar trancada na psiquiatria, aí isso me fazia pensar. E se eu sair? Quem vai fazer tudo isso? Dai eu fui ficando, ficando, aguentando mais um pouquinho. E de pouquinho e pouquinho, eu fiquei. 28 anos.

Então, a maior dificuldade foi tudo. O preconceito contra mim, por que eu fui e ainda sou muito perseguida aqui dentro.

Eles acham que eu sou maluca por conta das minhas coordenações, porque eu sou diferente. Não existe infra-estrutura aqui. Infra-estrutura? Nunca existiu.

As coisas acontecem aqui. Mas infra-estrutura? Eu não sei nem o que é isso, não existe. Tem lanche, tem medicação, mas isso é infra-estrutura? Não sei...

JR: Qual foi seu primeiro contato com o Hotel da Loucura?

G: Eu me identifiquei com o Hotel da Loucura por que eu achei assim, cara, tem um monte de gente maluca igual a mim aqui.

Eu vi o Vitor, como eu fui no pátio com os pacientes, eu tra-



foto: Coletivo AIA/Néctar



Imagens da festa de Natal do Hotel da Loucura

balhava de dia e ficava no pátio, eu vi o Vitor pra lá e pra cá montão de gente maluca atrás dele, eu achei aquilo interessante e fui atrás também.

Vi ele gritando, cantando, falando da Nise, aí fazia uns negócios de teatro, uma maluquice, né? E aí eu fui e falei pros pacientes: “Ah, tem um médico maluco por aí, pra lá e pra cá com os pacientes.” Vamos lá, qual o dia que ele fica? Aí quando era o meu plantão, eu ficava atrás dele.

Aí teve uma vez que ele chegou na enfermaria, eu estava de plantão, aí ele veio com mais duas pessoas, se apresentou, disse que fazia um trabalho no Museu de Imagens do Inconsciente.

Eu disse que já havia visto ele por aí com os pacientes, ele perguntou meu nome, eu respondi que era Glória e que também gostava dessas coisas.

Aí ele disse que iria ter um teatro às terças, que contava comigo, que era pra eu levar os pacientes.

Esse foi o meu primeiro contato e eu disse, é pra levar pacientes? Ele pensou que eu iria aparecer com 1 e eu levei 12 pacientes.

A coisa foi surgindo, a cada plantão meu, eu vi que eu tinha mais espaço e levava ainda mais pacientes.

Daí veio o Ocupa Nise, que eu estava com paciente em caso agudo, agudo mesmo. Eu via o paciente e era olho clínico: É pra levar pra lá.

Eu levava pra lá e o paciente se recuperava em uma semana no Ocupa Nise. Foi uma semana que o Ocupa esteve aqui e eles recuperavam bem, os pacientes se recuperavam bem mesmo.

JR: Como você se sentiu sendo uma das responsáveis pela abertura dos portões das enfermarias pela primeira vez na história do hospital? Que mudanças você acha que isso pode acarretar quanto à cura dos clientes?

G: Eu tinha que passar o Natal aqui, aí eu pensei: Já que eu tô aqui e é um dia de Natal, eu quero trazer um pouco de alegria pra eles e até mesmo pra mim, né?

Assim, [me senti] perseguida. Não é bom. Eles fazem de tudo pra que a gente desista. E a gente não ta fazendo nada demais, por exemplo, agora é só uma entrevista.

JR: O que te leva a ter tanta força e coragem para buscar uma nova forma de cuidar das pessoas com transtornos psíquicos?

G: Não sei, cara. Acho que é porque eu acredito na Direção daqui. Por incrível que pareça, a nossa diretora, a Érica, não tem nada a ver com a opressão que acontece aqui. Eu não consigo entender. Eu conheci a Érica quando eu era estagiária aqui e ela é justamente isso aí que eu sou: pensa em ouvir os pacientes, sair com os pacientes. Essa é a política da Érica, da diretora. Eu não sei da onde vem isso, não sei da onde vem essa opressão toda.

JR: Cite as mudanças que você acredita serem imprescindíveis, mas que ainda não foram feitas nesse espaço.

G: Tem que mudar tudo, né? Tem que mudar tudo.

Eu não consigo entender por que tem que vir pra cá cuidar do doente mental, botar ele pra dormir e ficar quietinho. Eu não consigo entender...

Qual é a mudança? Tem que começar tudo de novo. Botar eles pra dançar, pra ouvir música. Por que só esse negócio de botar pra dormir?

Claro que vai chegar a hora que ele vai precisar descansar, eles precisam descansar. Mas só esse negócio de botar pra dormir, botar pra dormir, é isso que precisa mudar, sabe?

Eles precisam interagir, eles vão ficar bem mais tranquilos se isso acontecer, fica mais fácil.

